



Música & Mass Media

Por Jorge Lima Barreto

11 de Janeiro – Rádio

A rádio é uma extensão do sistema nervoso central, é um *mass media* puramente acústico, como o disco, e inscreve-se na telemática, transmissão à distância.

Tecnicamente, a rádio é um meio de comunicação de mensagens sonoras propagadas através de ondas hertzianas moduladas.

Após diversas invenções, em 1899 Marconi transformou o princípio da radiotelegrafia em radiofonia, com o uso do microfone.

Em 1921 a sua recepção foi ampliada por um transdutor, que é o amplificador; em 1925 implementam-se os rádio-concertos.

Nos finais dos anos 1920 a rádio seria usada como meio de propaganda política e instauraram-se sectores da censura à Música.

Numa segunda fase, meados de 1930, introduziram-se gravações, passaram-se discos e organizaram-se emissoras locais, regionais e estatais.

Na terceira fase a radiofonia sofreu a influência de métodos cinematográficos, como o teatro radiofónico e, em 1950, realizam-se as primeiras transmissões por cabo.

Cria-se uma fissura entre as rádios estatais e as privadas e/ou comerciais.

A rádio fortaleceu a cultura nacional e, a portabilidade do aparelho bem como o raio de difusão, levaram a música a todos os lugares.

As evoluções da FM, a estereofonia, até à rádio por satélite, a radiofonia reforça o consumismo da música ligeira, embora em contrapartida preserve as músicas clássica e experimental (obs.: as músicas concreta e electrónica nasceram em estúdios de rádio).

A rádio que inicialmente era de expansão grupal passou, com o advento da TV, para a esfera privada e independente. A *radio on line* está incluída no projecto da NET desde o final do Séc. XX.

A audiência da rádio, que varia com as horas do dia e as efemérides sociais, pode ser dividida em três tipos: o senso comum que se sub-

mete às modas; a vanguarda, que é um micro-meio social, e se situa num plano de erudição e, os retardatários, que se inclinam para a tradição e a rotina musicais.

Embora nas emissoras de rádio a música ao vivo tenha tido algum privilégio, é o disco que domina o interesse geral das programações.

A indústria da rádio aposta na canção de consumo, e a música é escravizada para efeitos publicitários.

Os futuristas, os construtivistas, os dadaístas, os experimentalistas, recorreram ao rádio para a criação de obras alegadamente musicais.

O breve estudo ou a abordagem de obras como *radio music* de John Cage, de 1956, ou *kurtzwellen* de Karlheinz Stockhausen, de 1968, revela a função do aparelho de rádio como instrumento musical.

Jorge Lima Barreto

Jorge Lima Barreto é licenciado em História e Filosofia, foi docente universitário e editou a tese *Música & mass media* em 2000.

Compositor, intérprete, musicólogo, fundou a Anar Band e, com Vitor Rua, o duo Telectu. Participou em numerosos concertos ao vivo, sobretudo nas áreas do *jazz*, da música improvisada e experimental, com reputados músicos nacionais e estrangeiros e em países em todos os continentes. Uma extensa discografia regista parte do seu trabalho.

Desenvolve ainda uma grande actividade ensaística, tendo publicado numerosos livros, ensaios e textos vários, teóricos ou de divulgação, debruçando-se em especial sobre a música de hoje.

ÀS QUARTAS-FEIRAS DE 4 A 25 DE JANEIRO DE 2006 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

Próximas sessões: 18 de Janeiro – *Cinema e Vídeo* · 25 de Janeiro – *Multimedia*